

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

1º. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Elevação sobre a Salve Rainha*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem prehistorico*, pelo Padre F. Sanches.—SECÇÃO CRITICA: *Um rei que se avilta e um povo que se exalta*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO LITTERARIA: *À beira-mar*, poesia, por A. Morvira Bello; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. Gay, traducção do Padre Lima.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. de Guimarães.—SECÇÃO ARTISTICA: *O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos, (conclusão).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande.*—*Correio sem franquia.*

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO DE 1881

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.
BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do vol. 3.º)

E, como é bem facil de vêr, não podia escapar a seus mais furiosos assaltos o matrimonio christão, por isso mesmo que é uma das pedras fundamentais do edificio social. Eis-ahi por que, apenas em França se sentiram os primeiros abalos da grande revolução, tendo já a incredulidade feito larga sementeira de indifferentismo, entraram nas esferas do poder as doutrinas ateistas, e o matrimonio foi declarado logo um simples contracto civil, com as formalidades que costumam revestir esta especie de contractos e as consequencias que naturalmente devem seguir-se.

Assim foi promulgada a lei do *casamento civil* em 1789 e 1793, sendo de uso então celebrar estas uniões conjugaes em volta da *arvore da liberdade*, que era tambem o symbolo da republica.

Quando mais tarde passou a febre revolucionaria, foram abolidas as diversas leis, mas nem por isso foi expungida do codigo esta lei pagã e anti-politica.

As theorias socialistas, que n'estes ultimos annos vem fazendo espantosos

progressos, não só contribuíram poderosamente para o derramamento das idéas favoraveis ao *casamento civil*, mas vão ainda muito mais longe. A ellas se deve seguramente o bem preparado do terreno, de modo que os codigos modernos se ostentam já quasi todos adornados com esta planta exotica, que floresce prodigiosamente ao sol d'ambos os hemispherios, mas o ideal das mais adiantadas seitas é acabar de vez com os grilhões do matrimonio. Se já lhes sorri o contracto simples, desataviado de qualquer elemento religioso, que para esses sectarios é um obice invencivel a seus sonhos de absoluta e radical independencia e, mais ainda, um estorvo ao desenfreamento da paixão, com tudo isto é apenas um passo na estrada do seu almejado progresso. Elles querem a chamada emancipação da carne, o amor livre, para serem tanto e mais do que os romanos no tempo da decadencia, como bem os descrevia um dos seus, o celebre Proudhon.

Seria largo, e acaso fóra de proposito, explanar os systemas socialistas, desde Saint Simon e Fourier até aos numerosos de nossos dias; é porém facil de comprehender o proposito de destruir a sociedade, pela sua base, arrasal-a até seus fundamentos. E' combatido tenazmente, e por todos os meios, o principio de auctoridade, sob qualquer fórma que se apresente, contesta-se o direito de mandar e a obrigação de obedecer, nega-se a legitimidade da posse e o direito de propriedade, capitula-se de vã chimera a responsabilidade do crime, ainda o mais hedion-

do e atroz. E o peor é que, sendo os discursos já de si tão subversivos e os actos por vezes a fiel traducção dos principios, muitos, sob o especioso pretexto de uma politica sã e prudente, vão accetando os principios e apenas recuam diante das consequencias, como se estas não houvessem de seguir-se fatalmente por uma força insuperavel!

Assim, pois, se ainda não foi abolida a propriedade, nem as leis nem a magistratura, d'ellas interprete, guarda e executora, nem o matrimonio, já este é considerado, geralmente, apenas como um simples contracto, e por tanto está dado um largo passo para o divorcio e, d'ahi, para a polygamia quer successiva quer simultanea. D'aqui á ruina social a distancia é quasi nulla. Do lar domestico vem a corrupção e a desordem para o meio da sociedade, e depois a anarchia será inevitavel.

Como hão-de então justificar-se os poderes publicos, os legisladores, os sabios de terem accetado essas theorias subversivas e tambem de serem fautores e propagadores das mesmas? Grave sem duvida é a responsabilidade de quantos podem e devem dirigir e esclarecer os povos se, em vez de por caminho seguro e plano, os levarem ao precipicio.

A historia ha-de julgar com severa justiça quantos houverem prevaricado no exercicio de seus cargos, e mais severa ainda será a conta que háde prestar-se no tribunal divino; por quanto nem os reis e principes, legisladores e governantes, sabios e argentarios torão

outra sorte que a dos pobres, ignorantes e plebeus.

Consideram-se embora superiores a todas as leis da natureza e da graça, reputem-se em seu louco orgulho como outros tantos *deuses* na terra, que nem por isso será a sua sorte diversa da de todos os outros homens, e como elles depois da morte encontrarão o juizo.

(Continúa).

ELEVAÇÃO SOBRE A SALVE RAINHA

I

Salve Rainha, Mão de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve.

Quid nobilius Dei Matre?
(S. AMBROS. *livr. 2.º das Virg.*)

Salve, Rainha. Louvem-vos, Senhora, o ceu e a terra. Sim, ó soberana princeza, que fostes exaltada sobre os anjos, archanjos e thronos, principados, potestades e dominações, virtudes, cherubins e seraphins; nós, frageis creaturas, que vivemos no meio d'um seculo corrupto, nunca cessaremos de bendizer-vos, porque sois a medianeira entre Deus e os homens, porque fostes a co-redemptora do genero humano.

Louvem-vos, ó Maria, todas as gentes e todos os povos; os anjos e todas as virtudes; o sol, a lua, as estrellas e a luz; os ceus e todas as aguas que estão sobre os ceus; os dragões e todos os abysmos.

Louvem-vos o fogo, a saraiva, a neve, o gelo, as tempestades e tudo o que patentea a palavra do Eterno.

Louvem-vos os montes e todos os outeiros; as arvores de fructo e todos os cedros; as feras do bosque e todos os animaes; as serpentes e as aves que se elevam aos ares.

Louvem-vos os reis da terra e todos os povos; os príncipes e todos os juizes da terra; os meninos e as donzellas, tanto os velhos como os moços.

Salve, ó portentosa Senhora! Todos vos exaltem sobre o ceu e a terra.

Cantemos todos, ó peccadores, um hymno á Santa Mãe de Deus; cantemos-lhe um cantico novo, e seja o seu louvor celebrado nos templos do Deus vivo, no meio do maior jubilo.

Na vossa presença, Virgem Santissima, que são os reis da terra? Nada, porque sois superior a tudo o creado, e inferior só a Deus. Vós a todos commandaes como soberana e rainha, e tudo, desde o animado ao insensível, desde o vegetal ao mineral, se curva perante o vosso poder.

Rainha e Mãe amorosa, quem se pôde comparar com a vossa grandeza? Vós sois aquella torre de David, ornada de milhares de escudos, sempre armada em nossa defeza e protecção.

Descei do Libano, ó esposa santa, descei do Libano; e serais coroada rainha sobre o monte Amana, sobre o vertice do Sanir e Hermon, sobre as possilgas dos leões e os montes dos leopardos.

Sejam todos os momentos da nossa existencia empregados em vos servir, amar e louvar. Sejam todos os membros do nosso corpo outras tantas linguas que publiquem os vossos louvores.

Nó vós sois formosa, e os vossos olhos são brilhantes como os das pombas. Já que sois Mãe de misericórdia,

sêde, ó virgem immaculada, misericordiosa para conosco. Attendei ás nossas rogativas, ó mãe compassiva; vêde que vivemos entre inimigos da alma e do corpo, que nos querem despojar da candida estola da graça.

No meio de tantos perigos que nos cercam de todos os lados, a quem nos havemos de acolher? A quem supplicar compaixão? A quem pedir misericórdia?

Unicamente a vós, ó Virgem Santissima, ó valerosa Senhora, ó heroína superior ás do antigo testamento, ó advogada de Eva, amabilissima Maria. Sim, a vós que sois *Mãe de misericórdia*, toda cheia de ternura a favor dos peccadores.

Pedi, ó mãe amorosa, ao vosso Unigenito Filho e nosso Salvador que nos dê a vida eterna, quando á sua providencia aprouver quebrar este fragil barro de que é formado o nosso corpo.

Supplicae-lhe que nos conceda o porto da bemaventurança: a nós que andamos navegando n'um mar tempestuoso de perigos e desventuras; a nós que fomos remidos com o seu preciosissimo sangue; a nós, filhos ingratos á bondade de tão piedoso e clemente pae.

Sim, ó Virgem em tudo grande, que a nenhuma outra creatura podeis ser comparada, ao vosso patrocinio recorremos, com inteira confiança, porque sois *Mãe de misericórdia*.

Que triste e miseravel não é a vida do homem sobre a terra!

O homem, diz o paciente Job que passou pelos transeis mais angustiados e dolorosos, o homem nascido da desditosa Eva, d'essa mulher que nos deu a morte antes de nos dar a vida, vivendo um limitado espaço de tempo, enche-se de innumeraveis misérias. Elle apenas vem á luz do mundo, como a florinha que brota no prado, e é calcado, e desaparece como a sombra, e nunca permanece no mesmo estado.

O seu viver é inteiramente amargurado, e no meio de tudo isto fugimos para vós, ó mãe amavel, implorando o

vosso auxilio deante do Omnipotente. Já que sois a nossa

Vida,
alcancae-nos de Deus a vida eterna. Já que sois a nossa

Doçura,
adoçae o amargor das enfermidades de que vivemos circumdados.

Sobre tudo vos pedimos, ó valerosa Judith, mil vezes mais forte que a do antigo testamento, que venhaes em nosso soccorro contra o Holofernes infernal; e já que sois

Esperança nossa,
fazei que logremos as esperanças que em vós pomos.

Se Esther conseguiu libertar o seu povo da tyrannia e injustiça de Amon, implorando em seu favor perante o throno de Assuero, vinde, ó verdadeira Esther da lei da graça, libertar-nos da tyrannia das paixões e do peccado, e implorae por nós perante o throno do Altissimo.

Nós assim o esperamos, porque sois a esperança de todos os descendentes de Adão.

Salve, pois, ó Virgem gloriosa, consoladora dos tristes mortaes, salve!

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Scientifica

O HOMEM PREHISTORICO

(Continuação)

A geologia demonsta que o homem não existiu sempre sobre o globo terrestre. Tempos houve até em que o nosso planeta não acolhia sér algum com vida.

Que nos diz, pois, a sciencia com relação aos mais antigos habitantes do nosso globo? Que provas ha da sua existencia, quem eram e em que se occupavam?

Affirmam alguns que o homem já vivia na época terciaria.

Joiremos no entanto as razões em que se fundam; advertindo desde já que as unicas provas adduzidas em favor do homem terciario são alguns sílex lascados e ossadas de animaes com incisões, estrias ou entalhos, em que se quer vêr trabalho intencional.

Por emquanto ainda não foi possível descobrir a mais simples parte do esqueleto humano contemporaneo da formação dos terrenos terciarios.

Em S. Prest, nas proximidades de Chartres, encontrou Desnoyers varios ossos de rhinoceronte, de *elephas meridionalis*, de hippopotamo e de veado, com incisões muito regulares, que lhe

pareciam terem sido feitas com instrumentos de sílex. E na verdade appareceram mais tarde no mesmo jazigo algumas pontas de frechas, de lança, punções, raspadores e martellos.

Pergunta-se agora: o terreno é incontestavelmente terciario? os ossos e os sílex mostram a acção do homem?

Geologos distinctissimos affirmam que os terrenos de S. Prest são quaternarios; Evans e outros sabios imparciaes não querem vêr nos sílex cõrte intencional e Liell attribue as incisões à acção de animaes, porque dando a roer ossos frescos a porcos espinhos obteve incisões semelhantes às observadas por Desnoyers.

Como se vê, os sabios discordam muito sobre o valor d'esta prova, e, em questões de facto principalmente, onde ha discordancia não ha vislumbre de certeza.

O abbade Delaunay, professor no collegio de Pontlevoy, de que era director o celebre abbade Bourgeois, tambem encontrou nos terrenos miocenes de Pouancé, varios ossos de um grande cetaceo, o *halitherium*, com estrias, que elle dizia serem obra do homem.

Mas vem outro sabio, M. Delforterie, e prova a evidencia que estas incisões se deviam attribuir aos dentes de grandes peixes carnivoros. E muitos dos que tinham batido as palmas de contentes com a descoberta, tiveram de confessar o seu erro, pois que o proprio Delaunay foi dos primeiros a dar as mãos à palmatoria.

Os ossos de *balaeonotus* com numerosos entalhos, encontrados por Capellini em terrenos pliocenes nas visinhanças de Monte Aperto, foram ao principio recebidos com grande entusiasmo; até que apparece o doutor Magitot com as suas experiencias e mostra d'uma maneira clara que os entalhos se reproduzem exactamente com um rosto de peixe espada, ao passo que com instrumentos de sílex se não obtem tal resultado.

A estas descobertas de ossadas de mamíferos com incisões, que maior barullo fizeram, ainda poderiamos junctar outras, que menos tempo resistiram a um exame prolongado; mas isto apenas serviria para mostrar a sãriedade que os sabios não são tão positivistas como se dizem, vivendo as mais das vezes n'um mundo de puras illusões.

Analysemos agora a outra ordem de provas a favor da hypothese do homem terciario.

O abbade Bourgeois, mandando fazer differentes excavações nos terrenos miocenes de Thenay, cercanias de Pontlevoy, exhumou varios sílex, que julgava terem sido lascados pela mão do homem.

Apresentados pela primeira vez ao

Congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, reunido em Paris em 1867, foram regeitados por quasi todos os membros d'este congresso, havendo até quem dissesse, que semelhantes provas só serviam para desacreditar a sciencia.

Vencido mas não convencido, o abbade Bourgeois apresenta-os de novo com mais alguns que tinha encontrado ao congresso de Bruxellas, em 1872.

Nomeada nma commissão para emitir o seu parecer sobre o valor dos sílex, varios membros negam absolutamente o trabalho do homem, outros affirmam, outros suspendem o seu juizo, outros fazem certas reservas.

Em conclusão: a prova dos sílex de Thenay a favor do homem terciario não prova nada.

E os sílex da bacia do Tejo?

No mesmo congresso de Bruxellas apresentou o sr. Carlos Ribeiro os seus sílex do valle do Tejo, que encontravam quasi só incredulos. Mas outros levaram à Exposição de Paris de 1878 tiveram em Morillet e Cartailac estrenuos defensores, por lhes parecer que apresentavam signaes evidentes de trabalho intencional.

Convocou-se então o congresso para Lisboa a fim de se estudar detidamente a questão.

Vamos portanto extractar da «Noticia acerca dos trabalhos do congresso» pelo sr. Oliveira Martins, os pareceres d'alguns membros d'este congresso e as conclusões a que chegaram.

Sendo quasi unanime a opinião dos membros do congresso respeito à idade terciaria do terreno, as objecções dirigiam-se à origem do sílex e ao grau de prova de acção voluntaria que os seus caracteres demonstravam.

O sr. Cotteau escolheu o primeiro campo.

N'um terreno que tem tantos mil annos, disse, os movimentos determinados por diversas causas, as inundações, etc. devem ter produzido modificações taes que não pode negar-se a possibilidade de serem sílex quaternarios envolvidos no grès anterior. Mas o sr. Evans, além de não achar bastante demonstrada a questão da origem, põe em duvida o character intencional da talha. Nos sílex observados ha bulbos ou concoides de percussão: mas não seriam produzidos por causas naturaes, fortuitas, estranhas a qualquer intenção voluntaria?

Quando se encontra um bulbo de percussão, é *provavel* a acção do homem; mas ha forças e casos na natureza capazes de tambem o produzir; e desde que isso acontece, não se deve affirmar a existencia do homem terciario pela probabilidade simples denunciada por um bulbo de percussão. Mais explicito foi n'este ponto o sr. Virchow. Não se

limitou a impugnar a existencia de caracteres intencionaes na talha dos sílex de Otta: foi mais longe, e poz em questão, chegou a refutar o proprio methodo até hoje seguido pela archeologia prehistorica n'este ramo.

Quando uma opinião como a de Virchow, discute ainda o methodo, pergunta o sr. Oliveira Martins: não é verdade que mal se pode chamar sciencia ao corpo de observações reunidas?

Ha dez annos, disse o professor allemão, pergunto a mim proprio se pela forma de uma lasca de sílex se pode reconhecer a intencionalidade da talha. O facto da percussão não basta, pois os movimentos produzidos pela agua, ou pela queda em pendentes de terreno, tambem podem produzir percussões. Concluiu dizendo que os sílex de Otta não vinham de longe: eram do proprio lugar; e que o author das fracturas não foi um homem: foram causas naturaes, —os choques produzidos pelas aguas lacustres. Se estas conclusões se afastavam de todas as anteriormente emitidas, o professor foi mais longe ainda, prometendo apresentar no proximo congresso uma serie de exemplares de sílex com todos os caracteres considerados *humanos*, e recolhidos em condições que evidentemente destroem qualquer idea de intervenção do homem na fractura d'elles.

E já agora seja-me licito corroborar o opinião de Virchow com a de outros sabios de primeira ordem.

«Sou devedor ao Dr. Hooker, diz Tyndall, de alguns esperimens de pedras, recolhidas na bahia de Lyell, (Nova Zelandia). Se não fora conhecida a sua origem, certamente que a sua forma seria attribuida ao trabalho do homem.

Estas pedras assimelliam-se a facas, a pontas de lança com facetas tão symmetricas, como se fossem devidas à acção d'um instrumento guiado pela intelligencia humana; todavia a sua forma actual é só devida às areias movidas pelo vento.» Ainda outras causas podem produzir estas formas singulares. A Bertrand submetteu os sílex de Thenay a mui rapidas alternativas de temperatura, e obteve por este processo lascas absolutamente semelhantes às que geralmente são attribuidas à mão do homem.

Voltando porem ao assumpto de que nos vinhamos occupando, notou Capellini que a aceitarem-se taes objecções se devia regeitar tudo o que da idade da pedra existe nos museus.

Com effeito, a proposito da questão de Otta abalavam-se os alicerces da sciencia.

Pobre sciencia que tão fracos alicerces tens!

N'uma palavra, os membros do congresso não se entendem; cada um opinava do seu modo, sendo impossivel o

accordo entre elles. Das pessoas que emittiram a sua opinião acharam provada a existencia do homem terciario de Otta,—Mortillet, Belucci, Capellini, Cartailiac, Carlos Ribeiro e Delgado. E não acharam documentos bastantes,—Evans, Vilanova, Cotteau, Virchow, Fondouce e Quatrefages.

Eis em resumo os principaes argumentos a favor do homem terciario.

Provam alguma coisa? Sabios dos mais distinctos affirmam que não tem valor algum semelhantes razões, e eu, um simples mortal, aceito submisso o *verdictum* de ss. ex.^{as}

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

Um rei que se avilta e um povo que se exalta

Roma ou a morte! Era o lemma dos sectarios da maçonaria e do liberalismo universal, ás ordens de Garibaldi, quando, cercando os estados do Papa, se dispunham ao assalto, á rapinagem, ás scenas canibalescas que é costume seguirem-se ás conquistas dos povos subjogados.

Morra o Papa! Foi o grito que a selvageria piemontezza ergueu unisono em meio das praças de Roma ao invadil-as em som de guerra, de envolta com o vosear da canalha assoldada pelos irm. das chafaricas. E foi este grito de—Morra o Papa! que se fez ouvir de novo quando, no silencio da noite e por entre os canticos funerarios do ritual catholico, era levado á sua ultima jazida, o cadaver de Pio IX, do Pontifice que arrostara por vezes, com a impassibilidade e constancia dos martyres, os embates da impiedade, mascarada umas vezes com as bombasticas palavras de *liberdade, igualdade e fraternidade*, outras com o hypocrita estandarte do *liberalismo*.

O primeiro grito vingou, e a canalha entrou em Roma; mas entrou em Roma porque Deus assim o quiz, para mostrar aos inimigos da sua Igreja que Ella, mesmo sem Estados, sem exercito, sem bayonetas nem canhões, vive, e vive mais desassombradamente do que elles em meio de fortes exercitos, escudados por magnificos parques de artilheria. O chefe dos invasores já não existe, deixou a terra quando era na idade em que mais se vive. O segundo chefe, o filho do usurpador já foi apunhalado em meio dos luzidos esquadrões que o custodiavam e dos cortezãos emplumados que lhe faziam a cõrte. E Pio IX, Aquel-

le que viu entrar na sua cidade a frandolagem athea, avida de sangue e de rapinas, morreu na idade a que poucos homens chegam; mas o Papa, essa entidade que vive ha dezoito seculos, está firme, forte, placida no seu posto, porque, segundo as palavras de Jesus Christo, que não fallam, hade viver até á consummação dos seculos, e nunca as portas do inferno prevalecerão sobre Ella.

Não morre! Os gritos de morra o Papa, foram abafados nas ruas de Roma pelo ciciar das orações que milhares de boccas enviavam ao Deus das misericordias, e pelos brados de indignação que os catholicos de todo o mundo soltaram protestando contra o sacrilego attentado.

Não morre! Os gritos, de morra o Papa, que a canalha descrente soltara nas ruas da capital do catholicismo, foram suffocados por esses protestos energicos que de todos os recantos do mundo foram enviados a Roma; e as pedras, que mãos sacrilegas arremessaram sobre os restos venerandos de Pio IX, o Grande, e contra as carruagens dos mais altos dignatarios da Igreja, que os acompanhavam, foram apanhadas por um povo, que, juntando-as, vae levantar com ellas um monumento, que eteruise a memoria do chorado Pontifice.

E esse povo, que assim soube curvar-se para apanhar do chão as pedras de que hade fazer o mais grandioso padrao da sua fé, foi o povo portuguez, foram os filhos da nação fidelissima, da nação que tem por armas as Chagas de Jesus Christo e que tem um rei.....

Nem nos lembravamos que não podemos nomear o rei de Portugal, porque o rei de Portugal protestará contra o protesto dos portuguezes.

Arrastados pelo santo amor que consagramos á nossa patria, á terra que teve por monarchas Alfonso Henriques, D. João I, D. Manuel e tantos outros, que foram verdadeiros cavalleiros de Christo, fomos levados até junto dos degraus do throno, onde se repotrea o snr. D. Luiz I, e, quando queriamos fallar do descendente dos guerreiros de S. Mamede, Ourique e Aljubarrota, achamo-nos ante o rei que manchára o escudo dos reis de Portugal, condecorando com a Gran Cruz de Christo o ministro de Humberto I, Mancini, o homem que não impedira os excessos da demagogia e que desmentira as palavras de Leão XIII, do chefe supremo da christandade.

Voltamos indignados as costas ao rei e ftamos absortos esse punhado de portuguezes que tiveram a arrojada idéa de erguer na serra de Santa Catharina uma estatua a Pio IX, e esse imenso concurso de protestos e adhesões que de todos os pontos do paiz se vão juntar em Guimarães em volta das rochas que

serão pedestal á estatua do maior vulto do seculo dezenove.

Volto as costas ao rei, que insultou o seu povo, e curvo-me reverente diante de todos os portuguezes que vão, trepando a custo o pittoresco monte, levar uma pedra para o grandioso monumento. Curvo-me diante d'elles, porque maior é a gloria que lhes cabe por, protestando contra as demagogicas demasias da frandolagem garibaldina, protestaram tambem contra o rei da sua nação que a elles foi associar-se.

E já que se aviltou a monarchia, arranquemos das mãos do alferes mór de Portugal o estandarte das Quinas, e, desfaldando-o aos ventos da patria, brademos bem alto—VIVA LEÃO XIII! VIVA O PAPA! VIVA A EGREJA DE JESUS CHRISTO!

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Litteraria

À BEIRA-MAR

(FRAGMENTO)

Que linda tarde de agosto
Foi aquella á beira-mar,
Na mão apoiado o rosto,
Ceo e oceano a contemplar,
Tendo a rocha por assento,
Por doce o firmamento,
Por 'spaldar bosque loução,
E em doce melancolia,
Mixto de dor e alegria,
Abysmado o coração!

A curva abobada ostenta
Do mais bello azul a cõr;
Aragem branda viventa
Da natureza o languor;
O occiduo horisonte cinge
Longa faxa, que se tinge
Da aurea e refulgente luz;
E do dia o rei formoso,
Pujante, ingente, glorioso,
No centro oscilla e reluz.

Percorrera vasto espaço
No constante gyro seu;
De esparzir dons mil já lasso,
Deixar vae o luso ceo;
No mar do rubro occidente,
De oiro liquido e luzente
O aguarda leite real:
Tolda-o nuvem purpurina,
Com franja aerea e tam fina,
Que em Ophir não houve igual.

O mar, que ao longe dilata
O corpo seu collossal,
Semilha fundida prata,

Ou espelho de crystal:
Em crespas serras erguido,
Com pavoroso rugido
Não corre a praia a investir;
Mansamente murmura,
Beija a areia, e a rocha dura
Vem de alva espuma cobrir.

Suavemente declinando
Vac o sol, e o disco seu
Diffunde clarão mais brando,
Mas em volume cresceu;
Suspende um momento o gyro,
E, como que n'um suspiro,
Nos dirige ultimo adeus;
Pôs, nas ondas, vagaroso,
O rosto immerge, radioso,
Extinguindo os fogos seus.

Mas lá do opposto hemispherio
Que banha com seu fulgor,
Prodigando ao novo imperio
Vivificante calor,
Tenue luz, mysteriosa,
Serena, vaga, saudosa,
Nos envia ainda a nós:
Do seu amor mensageira,
Diz-nos essa luz fagueira
Que elle voltará veloz....

A. MOREIRA BELLO.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

(Continuação)

CAPITULO VIII

A epocha, porém, mais difficil e mais perigosa chegou; aquella em que se passa da primeira juventude á segunda; esse periodo terrivel, em que tantos jovens se atolam e se perdem no vicio, porque não estão assaz preparados contra as illusões do coração e o seductor attractivo dos sentidos.

Victor, felizmente, graças ao proprio dominio e ao conhecimento anticipado da sociedade romana, conhecimento, que devia ao seu genio observador, havia adquirido prematuramente o juizo e sensatez da idade madura, e assim estava premunido contra as illusões da juventude.

Verdade é, que no intimo do seu coração, todo cheio de ternura, havia disposição para uma melancolia, que lhe pudera ter sido bem funesta; por-

que a melancolia, na mocidade, se não fôr dominada pela influencia poderosa dos bons principios, da convicção do animo e do amor da virtude, é uma disposição perigosa, de que muitos jovens são victimas. Mas ao mesmo tempo presava tanto a probidade, que não queria nem podia transigir por nada com o mal: seu juizo era tão recto e seguro, que não era possivel deixar-se fascinar; de modo que, longe de ser arrastado pela corrente da sociedade romana, quasi geralmente corrompida, antes luctou contra ella e triumphou de suas seducções.

Victor, pois, era tido em Roma por um mancebo excepcionalmente bom em ideas e costumes. Entre as pessoas de suas relações, umas admiravam sinceramente sua virtude sem comprehendel-a; outras attribuiam-n'a ao seu amor ao estudo; de sorte que nenhuma d'ellas insistia, nem mesmo o satyrisava, quando recusava tomar parte nas suas extravagancias e delirios.

Em quanto ás praticas religiosas do paganismo, Victor importava-se pouco d'ellas; e se ás vezes, se via entrar com o povo para as solemnidades pagãos, os amigos, attenta sua indifferença e reserva, costumavam dizer, que assistia a ellas, mais por comprouzer, por curiosidade ou por não alterar a praxe, do que por espirito religioso. Nos templos dos deuses, por sua immobibilidade e indifferença simulava as estatuas de marmore ou de bronze, que assentam sobre pilastras ao longo das paredes.

Isto não se coadunava nem ao seu pensar, nem aos seus anhelos: o joven romano aspirava a uma religião mais verdadeira e mais pura que o paganismo.

Dos costumes romanos só havia conservado essas reuniões intimas, em que os amigos se comprazem de ver-se juntos n'um festim, que se prolonga em agradável e recreativa conversação. Não devemos esquecer que vinha de convidar Aureliano para uma d'essas reuniões de familia, quando o surpreendeu no caminho a tormenta. Era notavelmente affecto a guarnecer suas ricas habitações, seu palacio em Roma e sua villa com todas as obras artisticas, que seus immensos haveres lhe permitiam adquirir. Era por isso que os commerciantes gregos e os artistas romanos, conhecedores do seu amor ás artes, se não descuidavam em levar-lhe tudo o que julgavam proprio para satisfazer seu apurado gosto.

Seus escravos rendiam-lhe uma especie de culto, porque nunca os castigava, embora fossem gravissimas suas faltas; e quando algum d'elles enfermava, prodigalisava lhe todos os cuidados

e consolos, que não poderia nem saberia dispensar-lhe o melhor amigo.

Entre estes escravos havia um, a quem Victor tributava um affecto inteiramente paternal. Era uma joven de dez annos, que elle havia comprado a um commerciante, que vinha da Gran Bretanha.

Era ao outro dia d'uma entrada triumphal. O patricio, dirigindo-se ao *Forum*, onde se vendiam os escravos, encontrou alli, alinhadas, como era de costume, ao longo da fachada do templo de Castor e Pollux, as barracas, em que se expunham á venda homems, mulheres, meninos e meninas. Todos traziam um rotulo pendente do pescoço; uns tinham na cabeça uma carapuça de lã branca, outros uma corça entretecida de folhagem. Costumavam assignalar assim os escravos destinados á venda.

Um homem de carrancudo semblante passeava em frente de cada barraca, com um chicotinho na mão, apregoando:

— Illustres romanos, aqui é que é o comprar. Tendes aqui escravos de primeira qualidade. Garante-se sua saude, sua força, sua destreza e sua parcimonia. Ora escutai, acrescentava, esbofetando de leve as faces do que lhe ficava mais perto; que bem estala! que carne tão macia! Este nunca adoecerá e será muito prestadio. E apezar d'isso vende-se muito barato. Eia! Vamos a vêr como mostras teu garbo aos descendentes de Romulo! gritava elle, dirigindo-se a um rapazinho, que se levantou rapidamente e se pôz a fazer piroetas e a dançar.

Victor, apezar de prestar pouca attenção a esta scena vergonhosa, pôde, todavia, lobrizar por entre os escravos postos á venda, uma joven de louras tranças e bellas feições, mas pallida e enfraquecida. Suspeitando, não sem razão, que a pobre rapariga teria sido conduzida a Roma, em consequencia da ultima derrota dos povos do Norte, e recordando-se de sua mãe, resolveu compral-a, por compaixão sobretudo; pois, segundo o estado de abatimento e maceração em que a via, era de presumir morreria breve, se continuasse ou viesse a cahir n'outras, que não nas suas mãos.

Poucos minutos bastaram para effectuar a compra. Já tratava de mandar conduzir ao seu palacio a nova escrava, quando esta começou de soltar lastimosos gritos, voltando-se para outro escravo, quasi da sua mesma idade, que se distanciava pouco, preso a uma cadeia.

— Ai, meu irmãozinho, meu irmãozinho! exclamava toda debullhada em lagrimas.

Por sua parte, o joven cativo esten-

dia para ella os braços, respondendo-lhe só com est'outro grito:

—Elva! Elva!

Victor commovou-se, e conduzindo a escrava até onde estava seu irmão, disse ao vendedor:

—Quanto custa este rapaz?

—Já está vendido.

—A quem?

—A Paulo Silano.

Silano estava a pouca distancia conversando.

Victor depois de saudal-o, disse-lhe, se lhe fazia o obsequio de ceder-lhe o joven, que havia comprado, a fim de não separar os dous irmãos.

—Dar-te-hei o duplo do custo, acrescentou.

—Nobre Victor, respondeu Silano, tenho immenso gosto em poder servir-te. O escravo custou-me mil sester-cios (1), dou-t'o pelo mesmo preço.

Passou-se então uma scena commo-vedora, da qual não pôde deixar de sensibilisar-se o compassivo Victor, quando os dous irmãos captivos puderam abraçar-se. Os infelizes choravam e sorriam a um tempo. Era immensa sua desventura, motivos tinham de sobra para chorar; acabavam, porém, de livrar-se inexperadamente d'outra desgraça, muito mais dolorosa para elles, qual era a de separarem-se para sempre, e isto enchia-os de jubilo. Victor, á vista d'este quadro, difficil, ou diria até, impossivel de pintar-se, formou logo o plano de tratá-los sempre como um pae.

Paula e Paulo (eram estes agora os seus nomes) souberam corresponder dignamente á bondade do seu novo amo. Apostados a adivinhar até os mais insignificantes desejos e resoluções do seu senhor, ambos se atarefavam em executá-los, e conhecia-se-lhes, que tinham e punham n'isto o maior empenho e prazer. Da parte de Paula, meiga e mui entranhada gratidão; da parte de Paulo, afeição mui respeitosa e profunda. Victor conhecia-se largamente remunerado da boa acção, que praticára.

E apesar de tudo, a escravidão era-lhes leve fardo; porque depois de terminados os serviços, que nunca eram pesados, os dous irmãosinhos se reuniam, e no seu patrio dialecto conversavam tristemente a respeito das suas saudades e das suas dôres: saudades d'uma felicidade para sempre perdida,

(1) Aproximadamente 730 réis ou 330 segundo outros. Mais se dá por um cavallo e até por um cão! E' certo que ainda agora ha pessoas, que estimam e gastam mais em manter á farta o seu cavallo ou o seu cão do que a um pobre, redimido com o sangue precioso de Jesus Christo.

(O Trad.)

dôres d'uma escravidão toleravel, mas sem esperanças de termo.

Paulo, especialmente, gostava immenso d'estas conversações, que alimentavam sua natural melancolia, e iam minando sua saude. Conhecia-o Victor, e por isso muitissimas vezes o reprehendia com paternal interesse. Paula, mais forte e resignada, era a favor do seu amo, para animar seu irmão, recordando-lhe, que, graças á bondade de Victor, seria declarado livre, logo que chegasse á idade de poder governar-se. Mas a infeliz creança tinha já o coração enfermo.

Um dia Victor foi encontrá-lo sózinho, de pé, junto a um tanque de mar more, meditabundo, cabisbaixo, pallido, silencioso e chorando. Desde então ajuizou, que não viveria muito. E na verdade, d'ahi a pouco morreu nos braços da sua irmã.

(Continua.)

Secção Bibliographica

I

Guimarães, apontamentos para a sua historia, pelo padre Antonio José Ferreira Caldas.—1.º volume de VIII—376 paginas—600 réis—1881.—Porto.

São tantas as obras onde se podem encontrar noticias ácerca da terra que fora a primeira de Portugal por escudar com seus muros a infancia do seu primeiro rei; foram tantos os historiadores antigos que se occuparam detidamente da patria dos Damazos, e dos Affonso Henriques, que, pareceria inutil um livro modernamente escripto para narrar o que os antiquarios disseram.

Mas, quem possui hoje as obras do Padre Argote, de Gaspar Estaço, e d'outros que se occuparam das antiguidades de Guimarães? E, dado o caso que algum amator goze a propriedade d'essas rarisimas edições, pode dar-se por satisfeito? pode dizer que sabe mais que o curioso que possui a *Chorographia* do Padre Carvalho, obra assaz importante, e que para ser desmercada hodiernamente só lhe bastou ter a desgraça de ser publicada em 2.ª edição por quem, não conhecendo de livros, a poz ao preço do *Seringador*, ou de qualquer pequeno reportorio? E os que tiverem em suas livrarias a rarisima obra do Padre Torquato Peixoto d'Azevedo — *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, escripta em 1692, podem tão pouco dizer que sabem das antiguidades de Guimarães? Não, por certo.

Para que se saiba alguma cousa das antiguidades de Guimarães, não basta só rodear-se, o estudioso, dos livros mais apregoados, que mais circumstanciadamente descrevam o que os seus auctores puderam colher dos varios informadores a que recorreram; não, não é isso o bastante: o livro que haja de nos pôr ao facto da historia antiga de uma povoação, e muito principalmente quando essa povoação está intimamente ligada com a historia de uma monarchia, é forçoso que o seu auctor tenha passado horas, mezes e annos debruçado sobre montes de carcomidos pergaminhos; dias e annos engaiolado voluntariamente entre as paredes que guardam os cartorios de casas e corporações antiquissimas, folheando, e inquirendo essas testemunhas do passado que através dos seculos tem chegado até nós.

Foi o que fez o padre Caldas. Amador de antiguidades, entusiasta pelas glorias da patria, da terra em que tivera o berço, lembrára-se um dia de escrever a historia antiga e moderna de Guimarães, e eil-o a embrenhar-se por entre as carcomidas estanterias onde tem dormido o somno secular milhares de documentos, nunca interrogados; a pedir informações ás abbadessas dos mosteiros, aos representantes das familias que desde os primeiros dias da monarchia residem em Guimarães e a tem illustrado com seus feitos guerreiros e virtudes religiosas; a decifrar inscrições, a estudar épocas pelo estylo dos monumentos, pela ordem architectonica; n'uma palavra inquirendo tudo e todos até poder sentar-se á banca de estudo e escrever um livro. E fez um livro! Nossos parabens como amigo e como filho da terra que é nossa.

Nada passou á aturada investigação do Padre Caldas. A fundação da pequena villa, que mais tarde foi córte e berço do primeiro monarcha portuguez; a biographia das nobres familias, d'onde sahira essa pleiade de heroes que ajudaram o primeiro Affonso a fazer do pequeno condado, um famoso reino; a historia, fundação e descripção de todos os monumentos, corporações etc., etc. de Guimarães; tudo se encontra no livro que acabamos de ler com summo prazer, apesar de termos lido todas ou a mór parte das obras que se tem occupado de nossa terra. E, francamente o dizemos: o livro do Padre Caldas, porque é escripto n'uma linguagem portugueza de lei, e porque relata tudo quanto enfadonhas chronicas nos apresentam, e mais ainda por nos fallar do que aos antigos esqueceu averiguar, deverá occupar distincto logar entre os livros de mais estima nas grandes livrarias, e dispensará, aos que estreme-

cem de santo contentamento ao lembrar as glorias patrias, horas de ineffavel gozo, momentos prenhes de saudosas recordações.

Livros como o do Padre Caldas não carecem recommendar-se; não o fazemos, nem o podemos fazer, que para isso nos escaceiam dotes de escriptor: annunciamol-o e nada mais.

Que o 2.º volume, complemento da obra, se não faça esperar é o que desejamos, tanto quanto agradecemos o primeiro.

II

Centenario de Calderon—25 de maio de 1881. Homenagem a Calderon de la Barca, pelo semanario catholico—A «Civilisação». Collecção polyglotta, com o retrato do poeta.—Ponte Delgada—Typ. Minerva, rua da Misericordia—1 vol. 1881.

Explendida é a edição d'este magnifico livro, publicado na ilha de S. Miguel para memorar o segundo centenario do poeta catholico, do guerrente que quebrara a espada, para abrir o *breviarium*, e que deixara o bulicio dos acampamentos pelo silencio do templo. Assim pagamos, nós, os portuguezes, as gallas com que se vestira a Hespanha para commemorar o tricentenario de Camões.

Como do seu titulo se deduz, o luxuoso in-folio, de que nos occupamos é escripto em varias linguas: latina, hespanhola, franceza, ingleza, italiana, flamenga, arabe, grega e portugueza, alli estão representadas admiravelmente em prosa e verso, em artigos e poesias, firmadas por nomes já bem conhecidos. Sobresae de entre todos o artigo—Portugal e Calderon—assignado por André Vaz Pacheco de Castro, e no qual o auctor, apresenta Calderon de la Barca, como o poeta que mais bem soube levar á scena o episodio grandioso de nosso infante santo, D. Fernando, preso em Fez onde morreu sem nunca ser resgatado apesar dos desejos dos irmãos. Só por isto, pelo caracter que Calderon dá ao nosso infante no seu drama, apresentando-o verdadeiro typo de heroicidade, de cavalheiro e christão; só por isto, dizemos, bem merecia que todos nós nos associassemos ao enthusiastico e festivo regosijo que alvorçou os nossos vizinhos, ao lembrar o homem que tão alto se guindou entre os escriptores que mais subido logar souberam conquistar.

Mas, já que assim não fizemos, cabe-nos a gloria de ter publicado em Portugal um livro que, honrando a memoria do poeta hespanhol, honra tam-

bem quem o publicára. E já que das filciras do jornalismo catholico portuguez sahiu tão notavel trabalho, congratulamo-nos com o nosso esclarecido collega açoriano *A Civilisação*, enviando-lhe d'aqui um apertado abraço e um—bravo!—enthusiastico.

III

Simon Pedro y Simon Mago, por el P.º Juan José Franco, de la Companhia de Jezus.—Barcelona—Typografia Catolica, calle del Pino, 5—1881—1 vol. de 170 pag.

Mimoseados pelo snr. D. Miguel Caldas, proprietario das importantes publicações—*Revista popular, Las Misiones Catolicas e Santa Tereza de Jesus*, com um exemplar do livrinho que tem por titulo o que encima estas linhas, temos que agradecer ao mesmo senhor as horas de agradavel leitura, que nos ministrou offeritando-nos a sua ultima publicação. Como se vê do titulo o principal personagem do livro é S. Pedro, e a epocha n'elle descripta a da mais feroz perseguição que em Roma soffreram os christãos.

Uma epocha assim, tão prenhes de peripecias e descripta pelo sabio jesuita, pode imaginar-se o que será o livro que de Barcelona acabamos de receber e que recommendamos aos leitores do *Progresso Catholico*, com a mesma vontade com que sempre recommendamos todas as boas obras.

O THABOR

Fomos obsequiados com a visita de um novo periodico brasileiro, intitulado o *Thabor*. Vê a luz da publicidade na provincia do Rio Grande do Sul, e cidade do Porto Alegre, e publica-se aos sabbados.

Bem vindo seja, para o campo das lides jornalisticas, o novo collega, e que a bandeira hasteadada em meio da imprensa catholica seja desfraldada por ventos prosperos, e tão prosperos, que faça recuar vencidos os inimigos da Cruz.

Saudamos o novo campeão do catholicismo e enviamos-lhe d'aqui, d'este canto da Europa, da terra que foi berço do primeiro rei portuguez e que o foi tambem de monarchia, um apertado abraço de envolta com as mais francas demonstrações de boa camaradagem.

Pedimos a continuação de tão honrosa visita, e enviamos a pagal-a todos os n.ºs do 4.º anno do nosso periodico.

A. DE GUIMARÃES.

Secção Artistica

0 meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?

(Conclusão)

13.º Expulse-se, pois, a classe militar, não só do ministerio das Obras Publicas, mas de todas as repartições, onde, indevidamente, se encontra, ganhando por dois *carris*, e já assim os artistas poderão ter accesso a certos cargos, que só por elles podem ser bem desempenhados (1).

14.º Não se consinta que os artistas estrangeiros occupem logares que podem ser exercidos por artistas nacionaes, nem que concorram aos concursos para a erecção ou construcção de qualquer monumento ou edificio.

15.º Excite-se o amor pelas artes nacionaes, empregando todos os esforços para que não só o governo as proteja com magnificencia, mas ainda os nossos primeiros capitalistas (2).

16.º Procure-se, tanto quanto seja possivel, conservar os nossos monumentos nacionaes, concluir alguns, e recolher nos museus todas as preciosidades artisticas, que andam dessiminadas. Não basta só fazer uma lista dos monumentos e classificar-os, como ha pouco ainda succedeu, é necessario organizar uma commissão permanente, e dotal-a com meios sufficientes.

17.º Acabe-se com o pessimo costume das armações nos nossos melhores templos, onde muitas vezes uma maravilha da arte é circumdada ou encoberta com um pedaço de *nojento damasco*. Para a

(1) A classe militar, tal como se acha hoje organizada, entre nós, poucos serviços pôde prestar.

Nas nossas colonias é que estes eram mais para decajar;—e, por isso, com quanto seja leigo na materia, julgo que o estado andaria melhor, reduzindo a classe militar effectiva no continente, e augmentando-a nas colonias.

A classe militar maritima, que se acha reduzida a pouco mais de 3:000 homens, devia ser, igualmente, augmentada, assim como a nossa esquadra, que consta de meia duzia de *chavcos*.

(2) Não falta entre nós quem possua capitães avultados; o que não ha é quem tenha gosto pelas artes;—e isto não deve causar estranheza, vista a falta de educação artistica, que, geralmente, nos affecta, e em especial muitos dos nossos grandes capitalistas, que não ligam importancia senão ao *deus dinheiro*, e só a elle prestam culto!

abolição d'este costume basta uma representação ás auctoridades competentes.

18.º Estreitem-se as relações das nossas Academias e escolas com as dos paizes estrangeiros.

19.º Tirem-se modelos das nossas melhores preciosidades artisticas, e não só para enriquecer os nossos museus, mas ainda para trocar pelos modelos d'outras preciosidades dos paizes estrangeiros, ou ainda mesmo vender; e, certamente, a receita não será de somenos importancia.

20.º Vigie-se, rigorosamente, para que as camaras municipaes, ouvindo as pessoas entendidas, não deixem construir qualquer edificio sem que esteja planejado, segundo as regras da arte.

21.º Insista-se com o governo para que não maude encomendar no estrangeiro o que, sem maior encargo do thesouro, pôde ser feito no paiz.

.....
.....
Ahi ficam apontados alguns remedios, ou meios pelos quaes, segundo creio, as nossas artes poderiam florescer, novamente, embora não lhes possa assignalar um periodo certo e determinado.

Taxar-me-lhão de visionario (e que importa), mas só desejava que elles fossem, devidamente, applicados, para que se experimentasse o seu valor, ou efficacia. De contrario não sairemos do estado em que nos encontramos; viveremos embalados com as glorias dos nossos maiores; e continuaremos, dando ao mundo civilisado o triste espectáculo de não sabermos aproveitarmos-nos dos grandes recursos que possuímos.

E' tempo de despertarmos do somno em que temos vivido, e fazermos conhecer não só por palavras, mas por obras, que os portuguezes do seculo XIX ainda são capazes de grandes empreendimentos, dignos de commemorar os dos seus maiores.

Despertemos, animando as artes e a industria, que são uma parte de riqueza e um motivo de gloria para todos os paizes. Os que se dedicarem a esta cruzada serão benemeritos da patria, e os seus nomes coroados de louros e registrados na historia passarão á posteridade.

Braga, Agosto de 1881.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Retrospecto da quinzena

Já não ha duvida de que a Inglaterra, depois de tanto tempo de separação, se resolveu a enviar para junto do Papa o sr. Jorge Errington, membro da camara dos Commons, e um decidido catholico. No dizer do *Morning Post*, s. ex.ª continuará junto da Santa Sé até segundo a ordem. E se surgisse nova questão, o governo britannico proporia ao parlamento, na proxima legislatura, o acreditar o mesmo senhor junto do Vaticano e de uma maneira definitiva. «Esta determinação, acrescenta a *Unitária Cattolica*, do gabinete de S. James não é mais que a consequencia da visita de Humberto ao imperador da Alemanha, que, digamol-o á puridade, não foi um acto de summa cortezia para com o sr. Gladstone.»

Pela nossa parte quer-nos parecer que, em vista dos ultimos acontecimentos, e harmonizando-os com os de 1815, não será de espantar se vimos os Gladstone, os Bismark e os Gortschakoff, apresentarem-se como defensores da Santa Sé. Deus tu lo póis, e nós confiamos muito n'Elle.

O *Times*, fallando na possibilidade de que o parlamento conceda os meios necessarios para o restabelecimento de uma embaixada junto de S. Santidade, diz que seria uma medida muito bem recobida pela Inglaterra, e muito principalmente pela Irlanda.

A constancia com que o Santo Padre se negou a tratar com a Inglaterra por meio do seu representante junto do governo do rei Humberto deu este resultado, e d'aqui, o reconhecimento do poder temporal do Papa por parte da Inglaterra.

Escrevem do Cairo ao *Times* que o director das missões protestantes n'aquella cidade, Amine Nassif abjurou, perante o prior do collegio de S. Bento, os erros e patacoadas do protestantismo, entrando no aprisco da Igreja de Jesus Christo.

Louvemos a Deus por todos os dias termos noticias d'estas a registrar, enchendo assim o grande vacuo que na Igreja deixara a fuga do ex-padre Guilherme Dias.

Não agradou em Vienna, e em tôla a Austria a visita do rei Humberto ao imperador, nem a maneira como este o recebeu. Nem os cavallos de Francisco José gostaram do hospede, e a prova deram-a ao querer o filho de Victor Ma-

quel montar em um d'elles. De seis que vieram perante o rei Sardo, nenhum se prestou a ser montado pelo possuidor dos bens da Igreja, e para o setimo se deixar montar tiveram de lhe vendarem os olhos! E digam que não valem nada os anathemas da Igreja!

O arcebispo de Vienna, Francisco II, rei de Napoles, seu irmão, e o duque de Parma retiraram-se ao aproximar-se o filho do invasor de Roma.

Encontramos em um jornal estrangeiro uma noticia que não podemos guardar, por dizer respeito a uma princeza portugueza, e mostrar o seu amor de todos os seus pelas cousas sagradas. Eil-a:

No dia 20 de outubro, monsenhor Zwergor, benzen em Gratz a nova capella dedicada á Sagrada Familia pelos principes D. Affonso de Bourbon e D. Maria das Neves, no palacio em que residem na dita cidade. O veneravel prelado manifestou que não vira ainda uma capella particular tão formosamente bella. A architectura é no estylo da que se observa em Alhambra, e no pavimento almiram-se magnificos azulejos procedentes de Valencia. Recebidos de Hespanha são tambem os vasos, candelabros, cruz, flores, etc., etc.

Vê-se que o principe D. Affonso, irmão de D. Carlos de Bourbon, é um verdadeiro hespanhol, e sua esposa, a princeza D. Maria das Neves, irmã do sr. D. Miguel de Bragança, uma perfeita christã, que talvez poupe em rendas e... em outros *vidas* para ter no seu palacio uma capella que causa admiração a um bispo. Assim foram sempre as rainhas e princezas de Portugal.

Os Prolados de Valencia e Salamanca, em pleno senado, levantaram a voz auctorisadissima para defender o magisterio docente da Igreja contra as pretensões dos racionalistas, que envenenam as escolas com suas doutrinas, e no Congresso, os deputados Pidal, Ortiz de Zárate e Anspuero, censuraram valorosa e energicamente o governo hespanhol acerca das suas relações com a Santa Sé. Por algumas horas foram inundadas torrencialmente de luz as duas casas do parlamento da nação vizinha, e espancadas as trevas que por tanto tempo reinam nas duas camaras.

Será para isto que o Padre Senna Freitas quer que se façam deputados catholicos e que se organize o partido

catholico em Portugal? Ou será para fazer serviços ao liberalismo?

O nosso excellente collega de Valencia, Hespanha, *La Lealtad*, deu aos seus assignantes com o numero de 4 de novembro um magnifico retrato do snr. D. Carlos de Bourbon e Este, acompanhado de uma mensagem de re-dacção ao illustre principe, chefe do partido tradicionalista da nação visinha. E' um esplendido gravado e que mostra admiravelmente a figura sym-pathica do valente campeão, que por vezes tem desfraldado a bandeira da legitimidade, nas pregas da qual se leem as palavras—*Deus, Patria e Rei*.

Comprimntamos o nosso collega valenciano e agradecemos tão estimavel brinde.

Foram de França para Tunisia—algumas freiras de varias congregações religiosas, que serão empregadas nas ambulancias do exercito. Lá foram as filhas de Jesus Christo ao serviço da nação que não quer frades, nem freiras, nem irmãs de caridade!

Como são cynicos e estupidamente malvados estes republicanos! Em França não querem congregações, expulsam os seus membros, fecham-lhe as casas; mas além-mar, onde os seus soldados cahem aos golpes dos adversarios, e onde lhes falta a *philantropia* dos irm.º, que consiste em encher a barriga, julgam necessarios os serviços dos anjos da caridade!

Recebemos ha dias a seguinte carta, annunciando-nos a abertura de uma nova livraria na cidade do Porto. Pelo titulo da nova casa quer-nos parecer que ella bem deve merecer a confiança do publico, e muito principalmente dos catholicos da cidade da Virgem:

«... Snr.

Tenho a honra de participar a V. que, depois de haver praticado assiduamente, durante seis annos, n'uma das principais livrarias do paiz, acabo de fundar n'esta cidade, rua de D. Pedro n.º 51 a 53, um estabelecimento do referido ramo de commercio, sob o titulo de

LIVRARIA RELIGIOSA E SCIENTIFICA

O nome d'esta nova livraria assaz indica a V. as aspirações que tenho em vista ao fundal-a, sendo que o meu unico intuito é a maxima propaganda de publicações catholicas, scientificas e

litterarias, invariavelmente orthodoxas, delo creára um collegio com todas as aulas preparatorias, e um collegio para meninas n'estos ultimos tempos de sua vida.

Esperando que V. se dignará prestar-me valiosa coadjuvação, honrando-me com as suas ordens, desde já me subscrevo com a maxima consideração Porto, 20 d'Outubro de 1881. De V. attento ven.º e cr.º obrg.º—*José Joaquim de Mesquita Pimentel.*

Ao publicar esta carta julgamos do nosso dever recommendar a nova livraria, não querendo em compensação da parte do novo livreiro mais que uma cousa: o não desejar a *gloria* alcançada pelo seu collega da mesma cidade, tendo como o PRINCIPE DOS NOSSOS EDITORES, e que na lista das suas publicações tem livros que bem mereceriam, por favor, que d'elles se fizesse uma fogueira em plena Praça Nova.

Seja o snr. Mesquita Pimentel antes de tudo livreiro catholico e terá da nossa parte a mais franca adhesão.

Recebemos ha dias a visita do ex.º Snr. João Antonio Pereira, medico cirurgico ha pouco sahido da escola do Porto. Muito estimamos conhecer pessoalmente quem já conheciamos pelos dotes elevados da sua alma. S. ex.º é um medico catholico, cousa rara n'este seculo de *positivistas*, e por isso nos congratulamos com os povos de Ribeira de Pena para onde s. ex.º foi exercer a sua profissão.

Dizem as gazetas que *cahiu* o ministerio e *subiu* outro. Nós que não temos, nem queremos nada com uns nem com outros, ficamos na mesma. Sempre damos aqui a noticia para que se saiba que em novembro de 1881 se fez um ministerio novo, que se poderá chamar o ministerio de S. Martinho.

Findamos com uma noticia triste, bem triste.

Morreu o Rev.º Padre Joaquim José Alvares de Moura, o apostolo de Entre Douro e Minho.

Finara-se o sacerdote, talvez, a quem a Religião mais deve, e quizá a humanidade. As suas obras numerosas, editadas e reeditadas aos milhares; as missões numerosissimas a que presidiu,

quasi em todas as terras do Minho, Douro e Traz-os-Montes; esse vastissimo conjunto de edificações que coroam a crista do Monte Pombeiro, junto a Margaride, e onde elle, o sacerdote mo-

delo creára um collegio com todas as aulas preparatorias, e um collegio para meninas n'estos ultimos tempos de sua vida.

Ainda não ha muitos mezes que o santo homem, o apostolo que hoje choro, se despedia de mim, abraçando-me, e pedindo-me que fosse a Santa Quitéria passar com elle alguns dias. E não pude satisfazer esta vontade sua, porque, quando me dispunha para o fazer no proximo dezembro, recebia a triste nova, que com pezar transmitto aos leitores do *Progresso Catholico*.

Morreu! Ajoelhemos e peçamos todos ao Senhor, que recompense na Gloria eterna os serviços do justo e nos dê por sua intervenção a paz de que carecemos, e resignação para sofferir tão fundo golpe.

Oremos, e esperemos que não mais habil lhe teça aqui a corõa que mereço o varão prestante, o apostolo verdadeiro. A sua illustre familia, enviamos sentidos pezames.

J. DE FREITAS.

Aos nossos collegas de Portugal e do estrangeiro que nos felicitaram ao encetar-nos o 4.º anno da publicação de nossa folha, enviamos um aperto de mão com mil agradecimentos pelas palavras hsongeiras e animadoras com que o fizeram.

Enviamos sinceros parabens ao nosso esclarecido collega de Angra do Heroismo, O Catholico, por haver celebrado o seu primeiro anniversario, depois da sua reaparição em 21 de outubro de 1880.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

VII

A commissão promotora do monumento, incansavel no desempenho do encargo que sobre si tomára, dirigiu a todos os membros do Episcopado portuguez a seguinte carta:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

O grandioso plano de se erigir na serra de Santa Catharina, junto a Guimarães, um monumento á memoria do immortal Pontífice Pio IX—como protesto energico e perduravel contra os tristissimos acontecimentos em Roma na memoravel noite de 13 de julho ultimo—encontrou no espirito magnanimo do S. Padre Leão XIII uma plena e entusiastica approvação dignando-se ao mesmo tempo conceder de todo o Seu coraço a Benção Apostolica a todos os que se empenham pela realisacão do projecto, que só tem por alvo a maior honra e gloria de Deus pela desaffronta do Seu Vigario na terra.

A commissão promotora de tal obra, appellando para os sentimentos piedosos de todos os catholicos do reino fidelissimo, vem hoje muito respeitosa-mente offerecer as primeiras linhas da subscrição nacional ao venerando e respeitabilissimo Episcopo portuguez, pedindo-lhe ao mesmo tempo a Sua alta protecção que por meio de pastoraes possa empenhar o auxilio de todos os seus subditos a favor de uma obra tão significativa e sympathica.

A commissão assim o espera, confidando nos sentimentos catholicos e magnanimos de V. Ex.^a Rev.^{ma}

Deus guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma}

E' de esperar que os venerandos Prelados da nação fidelissima se associem ao grandioso pensamento da commissão, que o é tambem de todo o paiz, e n'esse caso desde já promettamos aos leitores informal-os de tudo quanto Suas Em.^{as} e Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} se dignarem fazer para secundar os esforços da commissão.

Adhesões ao protesto

Da Confraria do Sagrado Coração de Jesus

Os abaixo assignados, em nome de todos os associados da Confraria do Sagrado Coração de Jesus erecta na igreja de S. Domingos da cidade de Guimarães, com os sentimentos da maior indignação protestam contra os sacrilegos e barbaros attentados pratical-os na cidade dos Pontífices Romanos, em a noite de 13 de julho e no dia 7 de agosto, e cordialmente adherem ao notavel protesto publicado pela illustre commissão promotora do monumento ao amado Pio IX de saudosa memoria.

Guimarães 20 de outubro de 1881.

Abade Antonio José Rodrigues Cantor, Presidente—Padre José Joaquim Ribeiro de Castro Meirelles—Padre

Francisco Antonio Peixoto de Lima—Antonio Peixoto de Mattos Chaves—Padre Francisco Xavier de Sousa Carneiro—José Joaquim da Silva Guimarães—Francisco Martins Fernandes.

Da mesa da real irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

A meza da real irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, resolveu em sessão d'hoje, por unanimidade, adherir ao protesto que a commissão instaladora do monumento a Pio IX, lavrou contra os inqualificaveis attentados que se deram em Roma por occasião da trasladação dos restos mortaes d'Este sagrado Pontífice, a hesião esta baseada na mais pungente dôr ao vêr que infelizmente ha honra e gloria de Deus pela desaffronta do Seu Vigario na terra.

Adherem, pois, ao mencionado protesto, em toda a sua fórma, fazendo votos para que Deus illumino com a sua Divina Graça a razão d'estes desvairal-os, que insultam tão atrocemente todas as leis da humanidade e da justiça.

Deus guarde a V. Ex.^a Guimarães, em sessão da meza do dia 21 de outubro de 1881.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. presidente da commissão instaladora do monumento a Pio IX.—O Provedor, Antonio Joaquim da Costa Guimarães—Secretario, Antonio Maria Duarte de Carvalho—O Conselheiro, Manuel José da Silva Miranda—O Thesoureiro da irmandade, Seraphim dos Anjos Fernandes—O Thesoureiro do Sagrado Lausperenne, José Maria Leite—O Procurador, Antonio José Ribeiro—Mordomos seculares, José Mendes da Cunha, Manuel José dos Santos e Jacintho José de Faria—Mordomos da cera, Antonio José de Maccdo e Luiz de Pina.

DE VARIAS PESSOAS

Eu abaixo assignado como Catholico Romano, uno o meu nome, e adhiro de todo o meu coração, com todas as forças da minha alma ao esplendido e energico protesto da Commissão promotora do monumento a Pio IX, contra o impio e brutal procedimento d'essa horrida de selvagens, que na noite triste-

mento memoravel de 12 para 13 de julho conspurcaram com blasphemias, ultrages e sacrilegos attentados as venerandas cinzas do Grande Pio IX, de Santa memoria, e insultaram o cortejo funebre, que em silencio e oração acompanhava seus restos mortaes para a Basilica de S. Lourenço extra muros.

Associo-me da melhor vontade, como Catholico e Portuguez, ao bellissimo pensamento dos Catholicos Vimaraneses de erigirem, em honra do Pontífice da Immaculada, um monumento, que, alem de ser um protesto vivo e permanente contra os sacrilegos attentados da demagogia infrene do nosso seculo, e um glorioso padrão das heroicas virtudes do immortal Pontífice, attestará tambem ás edades vindouras os sentimentos religiosos do povo portuguez, e o seu entranhado amor, dedicacão e inabalavel fidelidade ao Supremo Pastor da Igreja Catholica.

Faro 11 de outubro de 1881.

Padre Manuel Osorio Gonçalves.

Junto o meu nome obscuro aos dos signatarios do *Protesto* que foi publicado em o n.º 22 do *Progresso Catholico*.

Castello de Paiva 16 de outubro de 1881—Padre Francisco dos Santos e Cunha.

Adhiro ao protesto da commissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande.

Guimarães outubro de 1881—Concego mestre escola, Joaquim de Souza Guedes Aguiar.

Adhiro ao protesto da commissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, contra os attentados de Roma, e curvo-me reverente para receber a benção apostolica do Santissimo Padre Leão XIII.

José Castanheiro dos Santos, praticante de pharmacia.

Villa do Conde 24 de outubro.

Snr. redactor—Adhiro ao protesto que essa redacção fez contra os vandalos que em plena Roma tentaram mostrar as *habilidades* proprias do seu officio, em nome da liberdade, igualdade e civilisacão. A'vante *Progresso Catholico*, ávante! Eu te saúdo como a um dos primeiros campeões do catholicismo.

Lisboa, 26 de outubro de 1881.

David Pires da Conceição.

Nós abaixo assignantes, parochianos De duas filhas de Maria, de e Prior da freguezia de Jagueiros, adhe- Louzada 1\$000 rimos de boa vontade ao protesto da Uma anonyma, de Louzada. \$100 comissão promotora do monumento a Uma criada de servir, de Lou- zada \$040

José de Sampaio Guimarães — Gas- par Leite Fernandes — Antonio Joa- quim de Sampaio e Castro — José da Cunha Freitas — José da Silva — Fran- cisco Gonçalves — Manoel Leite Sam- paio — Antonio Gonçalves da Cunha — Antonio da Silva — Paulino da Silva — Antonio Pires — José Antonio da Cunha Lobo — Antonio Leite de Sampaio — Gas- par da Cunha Freitas — José Antonio Peixoto — Antonio Velloso — José Perei- ra — Antonio Pereira — Joaquim Velloso — Manoel Pereira — José d'Araujo — Antonio José Teixeira — Antonio Mar- tins Teixeira — José Moreira Castro Lo- pes Marinho — José Maria Faria Leite — Alvaro Pinto — Antonio Ferreira — Joa- quim Pereira de Castro — Manoel Sal- gado — José d'Oliveira — Domingos Tei- xeira Leite — Antonio Pinto Ferreira — Antonio Martins — José Teixeira — An- tonio José da Fonseca — José Gonçalves — Antonio Teixeira — José Joaquim Tei- xeira Leite — Domingos Joaquim Tei- xeira Leite — Joaquim de Freitas Leite Porcito — Joanna Maria Leite — Rita Lei- te — Antonio Clemente Leite — Joaquim Antonio — Ermelinda da Silva — Ma- noel de Freitas Nogueira — José Leite de Freitas — Emilio Leite — Joaquim Leite — Prior Antonio José Alves Fer- reira.

SUBSCRIÇÃO PARA O MONUMENTO

Transporte do ultimo n.º . . .	372\$250
Padre Manuel Ayres Cardoso — Louzada	\$500
Simão de Souza Peixoto — Guimarães	\$500
Parocho de Lobeira, Francis- co V. de Souza Marinho, prior e seus parochianos — Guimarães	5\$000
Pedro Lopes Guimarães — Guimarães	5\$000
Prior Vicente Dias Carvalho — Pampilhosa	\$500
Arcipreste Antonio Fernandes Cardoso — Pampilhosa	\$500
Da Associação do Sagrado Co- ração de Jesus, da freguezia de Pampilhosa	1\$000
João Antonio Pereira — Ribeira de Pena	\$500
Francisca Firmina d'Almeida — Guimarães	1\$000
Manuel Machado de Moraes — Avidagos	\$250
Um anonymo — de Guimarães	1\$000
"	\$100

Somma 389\$240

À ultima hora

Dignou-se já responder ao pedi- do da Comissão, e em termos alta- mente lisongeiros, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Vigario Geral e Governador do Bispado de Castello Branco. Aguar- damos o documento pelo qual S. Ex.^a Rev.^{ma} appella para a devoção dos fieis na sua Diocese para o tor- narmos conhecido dos nossos lei- tores.

EXPEDIENTE

Devem estar admirados os nossos assignantes, e to- das as pessoas que se cor- respondem com a nossa ca- sa, pela falta que temos com- mettido para com todos aquel- les que nos teem escripto des- de o dia 16 do corrente, e a quem não temos respondido.

Andamos com a mudan- ça da nossa livraria, e isto é desculpa bastante. A confu- são que reina onde temos amontoados todos os livros não nos deixa fazer nada. Cruzamos os braços, ollha- mos para os operarios que levantam as estantes, e mais nada. Rimas de cartas fe- chadas aguardam occasião para serem abertas, e só en- tão, o que será antes que o presente numero seja dis-

tribuido, é que respondere- mos a todos, agradecendo desde já o desculpar-nos.

Teixeira de Freitas.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 24 de ou- tubro a que não podemos respon- der por outra via, do que pedimos desculpa.

Das Ex.^{mas} e Ex.^{mos} Snrs.

Lourenço José Ribeiro.—Recebe- mos e muito agradecemos a importan- cia das 3 assignaturas para o 4.º anno. — Padre Antonio Correia d'Abrantes. — Tomamos nota da assignatura do 4.º anno.

— Duarte Pereira Dias Ribeiro.—Fi- ca pago o 4.º anno, bem como o dos snrs. Antonio Pires de Longarito Fer- nandes, padre Antonio José de Carval- ho, Manuel Pereira da Costa Perlada e José Antonio de Barros.

— Padre Manuel Marques d'Almei- da.—Tomamos nota da assignatura e mudamos a direcção.

— J. A. Rebello.—Seminario.—Só com esta indicação nem podemos refor- mar a assignatura, nem enviar o n.º pedido.

— Padre Joaquim José da Cunha.— Recebemos a quantia enviada. Envia- mos os livros pedidos, e tomamos nota do 4.º anno.

— Padre João Bento Gonçalves Pal- merão.—Fica pago o 4.º anno, agra- decemos.

Abbade de Villa Nova de Gaya.— Fica pago o 4.º anno, que agradece- mos.

— Padre Casimiro Dias Grillo.—Fica pago o 4.º anno. Pio 9.º em breve.

— Padre Antonio Nunes de Souza.— Pago o 4.º anno.

— Prior Joaquim Martins Pinto.— Enviamos o Dia a Dia, tomamos nota para a II. da Inquisição; faremos en- trar a quantia indicada na subscrição, e agradecemos tudo.

— Padre João Affonso Soares.—Pago o 4.º anno, agradecemos.

— Dr. Antonio de Padua Ferreira d'Abreu.—Tomamos nota das novas assignaturas, que penhorado agradece- mos; enviamos o n.º pedido. Conta quando cá venha.

— João Vicente Caetano.—Tomamos nota da assignatura do 4.º anno.

— Padre Luiz de Queiroz Borges o

Vasconcellos.—Reformamos as 3 assignaturas e tomamos nota da nova, o que tudo agradecemos.

—Padre Joaquim Pinto da Silva.—Fica pago o 4.º anno.

—Abbadé Manuel José Coelho.—Idem.

—Padre Manuel d'Almeida Fonseca.—Fica pago o 4.º anno do *Progresso Catholico*, enviamos o livro pedido. *Gazeta do Bibliophilo* vac incluido agora no *Progresso* a pedido dos assignantes.

—Antonio Maria Godinho da Silva d'Albergaria.—Fica paga a assignatura do 4.º anno, pertencente ao Rev.º Padre José Joaquim Tavares; agradecemos.

—Padre Tiburcio Pereira Gomes.—Tomamos nota das 4 assignaturas que agradecemos.

—Francisco Boaventura Rodrigues.—Fica pago o 4.º anno. O 3.º fasciculo de Pio 9.º, que está pago, será distribuido em breve.

—D. Maria Eduarda d'Albuquerque.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.

—José Antonio Machado d'Abreu Peixoto.—Fica pago o 4.º anno. Pio 9.º por estes dias.

—Padre Domingos Pinheiro Pinto de Carvalho.—Tomamos nota da assignatura indicada, que agradecemos, assim como as demais que nos promette.

—Joaquim Marques Ferreira.—Tomamos nota das novas assignaturas, que agradecemos.

—Padre Manuel Rodrigues Branco.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.

—Padre Venancio da Costa Oliveira.—Tomamos nota da assignatura. A Historia da Inquisição sahirá em março.

—Padre José Maria Tavares Portugal.—Enviado o livro pedido, e o 1.º fasciculo dos *Papas*, e tomamos nota da assignatura do 4.º anno, que agradecemos.

—Luiz Pereira.—Tomamos nota.

—Narciso Gonçalves.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Antonio Ribeiro de S. Miguel.—Fica pago o 4.º anno, de V. Rev.ª e do Rev.º Padre Antonio Ferreira da Gama. Agradecemos.

—Custodio de Freitas Junior.—Digne-se V. Ex.ª repetir o que dissera na carta que recebemos, mas que inutilizamos para aproveitar as estampilhas que vinham todas pegadas á mesma. E' outro inconveniente das estampilhas.

—Padre Francisco Antonio Rebolho.—Tomamos nota da assignatura do Rev.º Padre Gil.

—Padre Antonio Ferreira de Souza.—Tomei nota de tudo, e tudo agradeço.

—Padre Antonio Ferreira de Souza (Torres Novas).—Tomo nota da assignatura da *Inquisição*, que agradeço.

—Manuel Dias Ferreira.—Tomamos nota das 4 assignaturas, que agradecemos, bem como para a H. da Inquisição. Os retratos custam 600 réis.

—Padre José Gonçalves Leitão.—Tomamos nota da assignatura para o 4.º anno, que agradecemos, e enviamos o jornal.

—José Castanheiro dos Santos.—Fica pago o 4.º anno, e cumprimos o que nos ordena.

—Domingos Adelino d'Almeida.—Recebemos 580 réis em estampilhas, que inutilizamos quasi todas, por chegarem pegadas; pedimos o favor de não mandar mais estampilhas.

—Armando Augusto da Rocha Gomes.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre Manuel Martins d'Aguiar.—Fica pago o 4.º anno, e enviamos os numerosos pedidos.

—Padre Frederico Amancio d'Almeida Mendes.—Recebemos a quantia enviada, tomamos nota de tudo, e tudo agradecemos penhoradissimo.

—Padre Herculano Augusto de Medeiros.—Tomamos nota das duas assignaturas, que agradecemos.

—Padre João da Motta Quintanilha.—Tomamos nota da assignatura para o 4.º anno, cuja importancia V. Ex.ª enviará.

—Padre Antonio Martins Pamplona.—Tomamos nota e agradecemos.

—Padre Manuel Pereira de Miranda.—Tomamos nota das 3 assignaturas que agradecemos.

—Bernardino José de Senna Freitas.—Aç o esperamos anciosos.

—Arcipreste José Maria Soares da Silva.—Recebemos o 3.º e tomamos nota do 4.º, que agradecemos.

—David Pires da Conceição.—Recebemos e agradecemos.

—José Jorge d'Oliveira Junior.—Fica pago o 4.º anno.

—Padre José Gonçalves Coura da Costa.—Tomamos nota da assignatura do 4.º anno.

—Antonio Augusto de Souza Lopes.—Tomamos nota das 2 assignaturas que agradecemos.

—Padre João da Costa d'Andrade.—Recebemos a quantia enviada, com a qual fica pago o 4.º anno e os livros, bem como o 4.º anno do snr. José Nunes.

—José Maria Antunes Corrêa.—Fica pago o 4.º anno da assignatura do V. Ex.ª bem como do snr. Secco. A outra não a pudemos riscar sem que nos diga o nome do assignante. O brinde em que nos falla é dado aos assignantes da *II. de Pio 9.º* que obtiverem outra assignatura, e não para os do *Progresso Catholico*. Para estes ha

outro brinde, como se vê do prospecto.

—Dr. Antonio José de Barros.—Quantia recebida; 4 assignaturas pagas, 3.º Scavini, resto, e envio o livro, agradecendo tudo.

—Francisco Pereira da Silva Pinto.—Fica pago o 4.º anno.

—José Rodrigues Quelfes.—Fica pago o 4.º anno. Em tempo recebemos a quantia indicada.

—Padre Domingos Cortez da Silva Curado.—Recebemos e muito agradecemos. Tomamos nota, e enviamos os livros pedidos.

—Padre Antonio Seabra da Motta.—Tomamos nota de todas as assignaturas, e mais uma vez fazemos publico o nosso reconhecimento.

—José Gonçalves da Silva.—Recebemos a quantia enviada, que agradecemos, e já deve ter recebido o *Mensageiro*. O livro hespanhol breve irá.

—Padre João Lacciras de Deus Ferreira.—Recebemos a importancia das 6 assignaturas, que muito agradecemos.

—Padre Manuel Lourenço Gonçalves.—Tomamos nota do 4.º anno. Os livros que deseja, ha muito bom em hespanhol e francez; diga V. Ex.ª em que lingua quer.

—Padre Francisco Maria Lopes Pereira Lobo.—Fica pago o 4.º anno.

—Dom Francisco Vaz Guedes de Athaide.—Fica pago o 4.º anno.

—D. Anna Carolina de Carvalho Leite Ancedo.—Tomamos nota do 4.º anno, agradecemos.

—Padre Francisco Ferreira José Flores.—Tomamos nota e agradecemos. Assignatura do Rev.º Padre Bento Ferreira, 3.º está paga.

—Padre Francisco Antonio Rebolho.—Recebemos a quantia enviada, que agradecemos, e tomamos nota da assignatura para a Historia da Inquisição.

—Prior José Pedro da Costa Inglez.—Recebemos a quantia enviada, bem como a nova assignatura, o que tudo agradecemos penhoradissimos, fazendo entrar na subscrição para o monumento a quantia enviada para esse fim.

—Aleixo Antunes dos Santos.—Enviemos os livros pedidos na carta de 18 de outubro, e não o fizemos antes, porque só o postal é que nos disse a terra para onde haviamos de enviar.

—Padre Jacintho Ricardo Sardinha.—O 1.º n.º do 4.º anno foi enviado para Santarem.

Por falta de espaço fica para o numero seguinte o resto do *Correio sem franquia*.